

DIR FLOORTIME, CAA E AUTISMO: A FAMÍLIA COMO PONTO DE PARTIDA

Lais Donida (lais.donida@gmail.com)

Táise Cristiane de Souza (taisecs@gmail.com)

Nilton Jorge de Quadra (n.j.quadra@ufsc.com)

Débora Lima de Jesus (deboralima.fono@gmail.com)

Sonia Claudia D.M. da Silva (claudiamoraisspsicopedagoga@gmail.com)

Afetuar Saúde e Educação | UFSC

Relato de caso

RESUMO

Introdução: Há muitos trabalhos que abordam o uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) em casos de pessoas autistas. Entretanto, muitos são os estudos que partem de práticas baseadas em abordagens comportamentais e, além disso, são incipientes as pesquisas que abordam o engajamento direto da família nesse processo (NORDLUND; FÄLDT, 2022; MCCARTHY; LIGHT, 2023). É nesse contexto que a família se torna protagonista de todas as ações na ótica do DIR Floortime (GREENSPAN; WIEDER, 1997; GREENSPAN; DEGANGI; WIEDER, 2001). **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é relatar a participação da família no uso da CAA dentro do Modelo DIR Floortime para a mediação de uma criança autista. **Métodos:** Os contornos metodológicos englobam: i. O encontro da criança nas tabelas de Desenvolvimento das Capacidades Funcionais Emocionais (FEDCs); ii. A formação da família e da equipe para compreender as diferenças individuais da criança; iii. O desenvolvimento conjunto de pranchas de comunicação; iv. O desenvolvimento de contextos de interação carregados de significação afetiva. **Resultados:** Tornar a família protagonista das decisões permite empoderar não somente a eles, mas também validar as expressões socioemocionais da criança. Dessa forma, todas as condutas foram deliberadas em consonância com a família, incluindo a opção pelo Modelo DIR Floortime. Sendo uma criança com um nível de suporte 3 e comorbidades que impactam a autonomia, a compreensão dos aspectos da linguagem e do uso da CAA obrigatoriamente passaram por uma análise sensorial, motora, linguística, socioemocional e cognitiva a partir das tabelas FEDCs. Posteriormente, foi realizada a formação da equipe e da família, a qual não perpassa uma figura de hierarquia, mas uma construção dinâmica conjunta de conhecimentos. Na sequência, a CAA foi pensada como um elemento de mediação das práticas de interação em que a criança está exposta diariamente, principalmente como uma ferramenta de mediação com a família (WALLER, 2019). Nesse momento, a família (mãe, pai e irmão) passaram a desenvolver recursos em suportes de alta e baixa tecnologia, com o auxílio de uma das fonoaudiólogas da equipe. Por fim, a CAA foi pensada para o desenvolvimento de contextos de interação carregados de significação afetiva para a criança. A partir disso, a mediação ocorreu respeitando o perfil motor e sensorial da criança e possibilitando a aproximação significativa com os elementos imagéticos (RIPAT, 2019). Atualmente, a criança e a família ainda estão em processo de empoderamento para o uso da CAA em diversos contextos. **Conclusões:** O DIR Floortime, nesse cenário, tem muitas contribuições a serem apresentadas para pessoas com desafios no neurodesenvolvimento e estratégias de comunicação para pessoas

com necessidades complexas de comunicação. O uso da CAA a partir do Modelo DIR Floortime deve preconizar o encontro da criança nas capacidades funcionais emocionais e, a partir daí, expandir os ciclos de comunicação e possibilitar a quebra de barreiras comunicacionais. A família é, portanto, um elemento central nesse modelo e o empoderamento para o reconhecimento das capacidades, possibilidades e desafios da criança permite desenvolver condutas mais assertivas e diminuir a desistência no uso e implementação de CAA (SMIDT; PEBDANI, 2023).

Palavras-chave: Autismo; CAA; DIR Floortime; Família.

Referências:

Greenspan, S. I. & Wieder, S. (1997). Developmental patterns and outcomes in infants and children with disorders in relating and communicating: A chart review of 200 cases of children with autistic spectrum diagnoses. *Journal of Developmental and Learning Disorders*, 1, 87-141. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Developmental-Patterns-and-Outcomes-in-Infants-and-Greenspan-Wieder/17b5b565d227236a12bac21b1190c7da807f29b1>

Greenspan, S. I., DeGangi, G., & Wieder, S. (2001). *Functional Emotional Assessment Scale (FEAS): Clinical and research applications*. Bethesda, MD: Interdisciplinary Council for Developmental and Learning Disorders

McCarty, T.V.; Light, J.C (2023) "It's like a guessing game all the time": parent insights on barriers, supports, and priorities for children with cortical visual impairment and complex communication needs, *Augmentative and Alternative Communication*. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07434618.2023.2206904>

Nordlund, H; Fäldt, A. (2023). "They aren't waiting for an SLP, they think 'what can I as a parent do now?'" course leaders' perceptions of AAC interventions targeting parents. *Augmentative and Alternative Communication*, 1-11. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07434618.2023.2233033>

Ripat, J.; et.al. (2019). A qualitative metasynthesis of the meaning of speech-generating devices for people with complex communication needs. *Augmentative and Alternative Communication*, 35(2), 69–79. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30231653/>.

Waller, A. (2019). Telling tales: Unlocking the potential of AAC technologies. *International Journal of Language & Communication Disorders*, 54(2), 159–169. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30597706/>